

## RESSIGNIFICAÇÃO E RESSURREIÇÃO: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A RESPEITO DO LUTO MATERNO

Marcelo Leite CARVALHAES<sup>1</sup>, Sergio Guimarães JUNIOR<sup>2</sup>, Adriano FARIA<sup>3</sup>

### RESUMO

O luto na contemporaneidade por vezes carrega um estigma vergonhoso, patológico e relacionado ao medo. Rodeado de expectativas para superar, esconder, passar por e esquecer, o sujeito enlutado se depara com o conflito entre continuar adaptativo a uma sociedade de produção e a proteção do seu bem-estar ao reviver as memórias do ente querido. O conflito cresce quando visto sob os olhos do luto materno, onde o “dever” de esquecer o filho é o dever de esquecer ser mãe e assim esquecer a sua identidade, a si mesma. Com o objetivo de compreender as especificidades subjetivas do luto materno, este artigo compôs uma perspectiva fenomenológico-existencial de forma a se abrir para o mundo e os relatos de mães enlutadas. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura com base em livros, artigos e relatórios oficiais com dados pertinentes, em sua maioria captados das seguintes bases de dados: *Scielo*, *Google Acadêmico* e *LILACS*. A resignificação mostrou-se como ferramenta essencial para a saúde mental de mães em luto, permitindo o reviver de sua existência e de sua relação com o filho. No que tange à prática profissional da (o) psicóloga (o) ter um olhar crítico para as formas como mães são reduzidas em seu luto em todos os âmbitos sociais, desde familiares até pessoais, é fundamental para compreender os movimentos de resignificação e dar luz e liberdade ao ser-mãe que se projeta frente à perda.

**Palavras-chave:** Morte; Luto materno; Psicologia; Fenomenologia.

### ABSTRACT

Mourning in contemporary times carries a shameful, pathological, and fearful stigma. Surrounded by expectations to overcome, hide, pass by, and forget, the mourner is faced with the conflict between remaining adapted to a society that values production and maintaining their own well-being while reliving the memories of their loved one. The conflict is amplified when seen through the eyes of maternal mourning, where the “duty” to forget the child is the duty to forget being a mother and thus her identity and herself. With the aim of understanding the specificities of maternal grief, this article used a phenomenological-existential perspective to embrace the world and the narratives of bereaved mothers. To this end, a literature review was carried out using books, articles, and official reports with pertinent data, mostly collected from the following databases: *Scielo*, *Google Scholar*, and *LILACS*. Resignification proved to be an essential tool for the mental health of grieving mothers, allowing them to relive their existence and their relationship with their child. Regarding the psychologist’s professional practice, having a critical look at the ways in which mothers are denied their grief in all social spheres, from the familiar to the personal realm, is fundamental to understanding the movements of resignification and giving light and freedom to the being-mother that projects itself in the face of loss.

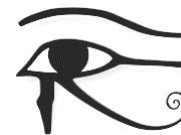
**Key-words:** Death; Maternal mourning; Psychology; Phenomenology.

---

<sup>1</sup>Faculdade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [marceloleite.carvalhaes@gmail.com](mailto:marceloleite.carvalhaes@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [sergiodiasguima@gmail.com](mailto:sergiodiasguima@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [faria.adriano@estacio.br](mailto:faria.adriano@estacio.br)



## INTRODUÇÃO

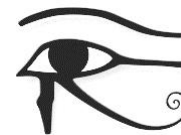
A morte é a experiência mais singular para a humanidade. Todos sabemos de sua existência e ainda sim nos é impossível chegar perto de sua realidade, pois só podemos saber como é estar vivo, ou imaginar o que é estar perto de estar morto. Podemos, no entanto, vivenciar a morte quando em vida, através da morte dos outros (Rotschild & Calazans, 1992). Não tão externa quanto esperamos é a morte do outro, pois de sua presença construímos sentidos, formas de nosso próprio Ser, que estão atreladas a temporalidade dessa relação e na manutenção de sua existência (Kovács, 1992; Freitas, 2013).

O luto é difícil, é a luta contra a angústia da perda, mas também contra a angústia de continuar (Rotschild & Calazans, 1992). Perdidos de si, somos postos a frente de nossa própria mortalidade. Perdemos um pouco de nós, pois nunca seremos os mesmos. Somos postos a pensar o que será do futuro, e sobre a certeza de que um dia também vivenciaremos aquilo que nos parece irreal, pois: “Dentro de todas as minhas possibilidades, já está presente a absoluta impossibilidade de não estar mais aí” (Rotschild & Calazans, 1992, p. 144).

São distintas as formas de elaboração do luto. Segundo Kovács (1992), o processo de luto é influenciado e diferenciado pela qualidade da relação entre ambas as partes, de como se deu a morte e pelos papéis dos enlutados em relação a ela. Tem tempo variável, e em alguns casos não termina, sempre necessitando de um consciente esforço e constante movimento frente ao desânimo, a falta, o desespero e a melancolia (Kovács, 1992; Rotschild & Calazans, 1992; Freitas, 2013).

O processo de luto também muda de acordo com suas construções sociais, em especial pelas exigências de tal âmbito. Kovács (2005) discorre sobre o luto interrompido, discreto e não constrangedor. O próprio processo do luto é velado, tanto pelo enlutado, numa tentativa de fuga, quanto pelos próximos, como um medo que se manifesta pela vergonha ou distanciamento. Reis *et al* (2021) ainda relaciona o olhar moderno do luto com a busca excessiva pela felicidade e busca irreal por um construto de aparência, e encontra na fala das mães em sua pesquisa a alta exigência de si mesmas para serem “fortonas”, do “parecer para ser” (Reis *et al*, 2021, p.12).

O luto materno é parte das construções acima, mas carrega em si aspectos especiais que o separa de outros. A maternidade muda o indivíduo, é um processo duplo, externo e interno. Não somos mais filhos ao perdermos a mãe? Ou, não é mais mãe aquela que perdeu o filho? A experiência da maternidade cria um diálogo único do Ser-aí ao se deparar



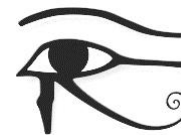
com a relação eu-tu pelos olhos do ser-mãe. Não podemos falar de luto materno sem compreender a profundidade da morte que penetra o Ser da mãe, e sem um apoio, uma escuta ou potência frente a angústia, a consome ou a faz deixar de consumir (Freitas & Michel, 2014, 2015; Reis *et al*, 2021; Campos *et al*, 2020).

De acordo com a World Health Organization (WHO), aproximadamente 5 milhões de crianças com idade abaixo de 5 anos morreram no mundo, sendo metade dessas mortes, 2.4 milhões, nos primeiros 28 dias de vida (WHO, 2022). Ainda pelos estudos da WHO, cerca de 1.3 milhões de adolescentes e jovens adultos, com idade entre 15 a 24 anos, morreram em 2020 (WHO, 2022).

No Brasil, em 2019, foram aproximadamente 49.253 mortes de adolescentes e jovens adultos, com perceptível aumento na região norte em relação aos dados de anos anteriores (Malta *et al*, 2021). Já em relação à mortalidade infantil no Brasil, estima-se 38.619 óbitos no ano de 2019, contando apenas com crianças com menos de 1 ano de vida (Brasil, 2021).

Os dados apontam mortes no período da infância até a primeira idade adulta, mas não há idade certa para se perder um filho. A partir do momento em que a “naturalidade” se quebra, onde o filho morre antes da mãe, já podemos estabelecer a relação diferencial desse luto e sua conexão com o bem-estar de mães (Freitas & Michel, 2014; Reis *et al*, 2021). Segundo Michel e Freitas (2021), o luto materno modifica integralmente a vida da mãe, trazendo dificuldades singulares à sua vivência, que atingem a saúde mental das formas mais evidentes até as mais sutis. Campos (2020) discorre extensivamente sobre a alimentação materna frente ao luto, que é destrinchada quando a mãe sente dificuldade ao ver a mesa vazia, relaciona o cozinhar a produzir algo a alguém que já se foi ou sente que a comida que ela mesma faz já não pode mais nutrir.

Através da pesquisa e desenvolvimento teórico, psicólogas encontram ferramentas e modos de atuar que auxiliam na clínica e em outras áreas do ramo, capacitando a classe profissional e dando mais segurança de discurso e compreensão das dinâmicas do luto materno. Atualmente a literatura disponível sobre o tema para profissionais de psicologia está em construção, com produções que pertencem às diferentes formas teóricas de compor sobre a experiência do luto, e de discursar sobre as percepções do Ser-mãe, além de expor a realidade vivida de diversos casos em trabalhos sociais. No entanto, encontramos uma escassez de artigos, sem a abrangente diversidade e quantidade que o tema demanda e merece.



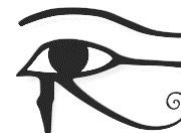
Deste modo, revela-se a falta de mais artigos sobre o tema e a necessidade de aprofundar-se sobre o luto das mães. Ao considerar a realidade brasileira, a importância da perda no processo familiar e as especificidades do luto, essa pesquisa busca analisar e discutir a produção bibliográfica brasileira sobre o luto materno utilizando uma perspectiva fenomenológico-existencial para investigar os seus impactos, compreendendo as diferentes estratégias de resignificação e expondo como o processo psicoterápico pode dar espaço ao reviver de si para mães enlutadas. Contribuindo assim com a prática profissional de psicólogos(os) e terapeutas, com recursos teóricos que andem lado a lado com o bem-estar e a saúde mental de mães.

## MÉTODOS

O presente artigo possui um delineamento de cunho exploratório que consiste numa pesquisa bibliográfica realizada através de artigos acadêmicos, livros e sites especializados. Segundo Gil (2002), este tipo de pesquisa tem como objetivo propor uma familiaridade com o problema em questão, com vistas a constituir hipóteses mais explícitas. Sua meta principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, portanto, é bastante flexível e possibilita a consideração dos mais diversos aspectos relativos ao tema em questão (Gil, 2002).

Os artigos científicos que foram pesquisados sobre a temática estabelecida foram acessados nas seguintes bases de dados: Scielo, Google Acadêmico e LILACS, com os seguintes descritores de busca combinados: “Psicologia”, “Maternidade”, “Luto”, “Morte”, “Fenomenologia”, “Luto Parental”, “Luto Materno”, “Saúde Mental”, “Psicologia Fenomenológica”. Há também o uso de livros, referentes ou adjacentes ao tema, para complementar o discurso e desenvolvimento teórico da pesquisa.

Dos descritores usados, os principais foram “Morte”, “Luto”, “Maternidade” e “Luto Materno”. Combinando os descritores principais com os secundários, usando os operadores booleanos OR para as combinações temáticas das quais poucas pesquisas eram encontradas e AND para especificar a relação do conteúdo, mais de 200 artigos foram encontrados na base de dados Scielo. Porém, entre esses, apenas 11 continham o descritor principal “Luto Materno”. Do total encontrado na base de dados, 5 foram escolhidos pela proximidade com o tema da presente pesquisa. Da macropesquisa, foram eliminados artigos pertinentes à prática de outras atuações profissionais, como pesquisas quantitativas de enfermagem e medicina, além de artigos de psicologia ao qual o objeto de análise não era



primariamente o luto materno ou que introduziam tangentes específicas além do escopo do atual do trabalho.

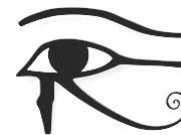
As bases LILACS e Google Acadêmico obtiveram maior quantidade de resultados, com 347 totais pelo LILACS, e mais de 20.000 resultados pelo Google acadêmico, dos quais apenas as primeiras 3 páginas foram analisadas. Desses, 17 artigos foram selecionados por proximidade ao tema, e 4 foram usados para compor a bibliografia da presente pesquisa. As referências bibliográficas dos 9 artigos selecionados serviram para um segundo processo de busca, de forma a complementar eixos temáticos da pesquisa que se limitavam a um autor ou que se sentia a falta de mais recursos para entender e elucidar o tema. Dentre esses, duas publicações em particular chamam atenção por serem livros físicos sem acesso digital e gratuito, a saber: “Mães em luto: A dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas” e “Suicídio & Luto: Da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais”, os quais foram adquiridos para compor parte da bibliografia da presente pesquisa.

Os artigos foram escolhidos com base em sua proximidade ao tema selecionado, isto é, Luto Materno, dando preferência aos que tinham seu método de análise ou fundamentação teórica pela perspectiva fenomenológico-existencial. Dentre esses os artigos de Freitas e Michel (2013, 2014, 2015, 2021), Feijoo e Noleto (2022) e Bezerra *et al* (2021) foram os mais próximos a todos os pontos temáticos da presente pesquisa, se tornando principais na composição da revisão literária e compreensão do tema. Kovács (1992, 2005) junto a Rothschild e Calazans (1992) abarcaram a construção teórica do luto, fundamentando a análise diferencial de um luto para um luto materno. Alguns dos artigos foram selecionados por se debruçarem particularmente sobre um conceito pertinente ao luto ou à maternidade. Campos *et al* (2020), ao falar da perspectiva alimentar das mães enlutadas, importante para demonstrar as respostas viscerais da perda, Bezerra *et al* (2021) ao expor a relação temporal do luto, identificando as diferenças e similaridades sutis dos casos e criticando uma percepção redutiva e normatizadora do tempo, e Lemos e Cunha (2015) por se debruçar especificamente sobre a maternidade e o luto pré-nascimento, revelando o nascer do Ser-mãe antes mesmo da materialidade social do filho(a).

## DESENVOLVIMENTO

### 1.1. Luto, Intercorporeidade e Tempo

Compreender o processo do luto exige compreender a relação singular entre o indivíduo enlutado e o ente querido perdido. Freitas (2013) elucida essa relação através da

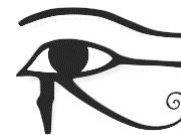


intersubjetividade de Merleau-Ponty, no qual é na interação com o outro que me percebo como Eu, que tomo a mim de forma intencional o meu Ser e sou influenciado e influenciador do outro. Onde as trocas de Ser, pela Intercorporeidade, isto é, de estar no mesmo mundo e interagir de forma subjetiva (cultura, lazer, trabalho, sexualidade) e também física, com o outro realiza a experiência de estar no-mundo-aí e fundamenta a relação Eu-Tu (Freitas, 2013; Freitas & ichel, 2014).

Como parte da vida e experiência do Ser, o luto surge na prática clínica e é tema nas elaborações teóricas da psicologia. No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição (DSM-5) publicado pela American Psychiatric Association (APA), o luto é aludido constantemente como característica diferencial para a consideração de transtornos e episódios depressivos. Sendo assim, um grupo de sintomas são considerados “normais” uma vez atrelados ao enlutar. Em uma explicação mais direta e concisa, ao buscar instrumentar o luto como um diagnóstico diferencial do transtorno de ansiedade de separação, vemos: “Anseio intenso ou saudades da pessoa falecida, tristeza intensa e dor emocional e preocupação com a pessoa falecida ou com as circunstâncias da morte são respostas esperadas no luto, ...” (APA, 2014, p. 194).

O DSM-5 publicado em 2013, recebe uma revisão textual no ano de 2022 tornando-se o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5ª Edition Text Revision (DSM-5-TR). Essa nova versão inclui entre os seus transtornos, o diagnóstico de Transtorno de Luto Prolongado, também contemplado pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde décima primeira versão (CID-11) publicada em 2018 e em vigor a partir do ano de 2022. Entre os critérios diagnósticos do Luto encontramos uma perda de pelo menos 12 meses de uma pessoa próxima do enlutado, em que a maioria dos dias foram acompanhados por saudade ou anseio pela pessoa e preocupações com pensamentos e memórias do ente que se foi. Uma longa lista de sintomas acompanha o diagnóstico, considerando desde a dificuldade de reintegração social até a perda de identidade (APA, 2022; WHO, 2018).

Ao reduzir as experiências humanas à sintomatologia e às características de um transtorno, medicalizamos o viver de abertura do Ser-aí. Estando no mundo, somos abertos à vivência intencional dos nascimentos e das mortes de todos que compõem nossa contínua consciência da existência. Sentimos saudades ao viajar, assim como medo e tristeza quando nossas relações acabam. O luto é a falta do que se foi, é necessário para a construção de um novo indivíduo: aquele que se transformou pela perda, que significa através de seus ritos a



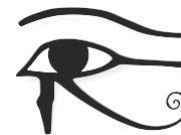
morte e dá eterno sentido ao viver. Ao olharmos para o luto dentro dos moldes “naturais”, buscando um falso semblante de “normalidade”, esquecemos que a morte e o luto já são a naturalidade em si. Percebemos então que buscamos uma forma adaptativa e estruturada de lidar com o luto. Uma forma resignada, contida, envergonhada, escondida e finita, aquém dos sentimentos contemporâneos para com a morte.

Não é isento de especificidades o processo de luto de cada um. Como apresentado por Freitas (2013), Rothschild e Calazans (1992) e Kovács (1992), em cada luto encontramos fatores característicos exclusivos daquela relação que muda a experiência do enlutado. É da forma particular que se relacionavam, é da interrupção da intercorporeidade e do chamado horizonte histórico (Freitas, 2013; Freitas & Michel, 2014). Considerando o cunho fenomenológico da análise e metodologia de Freitas, o horizonte histórico alude a vivência dos fenômenos e do Ser no seu contexto histórico, de considerar os aspectos culturais e também os sentidos familiares da morte e do luto. É horizonte, porque como Freitas (2013) elabora e cita de Husserl e Geniusas, é a possibilidade do presente histórico advindo do passado histórico, influir ao futuro também histórico, carregado das significações e determinando as articulações das experiências que o enlutado viverá.

O tempo enlaça nossa percepção, ao ser-no-mundo não somos redutíveis a matéria que passa o tempo, estamos em situação, somos constantes e mutáveis. O luto não é diferente, sua relação com o tempo já é de antes muito pensada, principalmente por quem há de antecipá-lo vide o estado de um amigo, ou familiar. Bezerra (2021) se atém aos estudos do tempo no luto materno, procurando expor a relação temporal das dores pela perda e de uma possível resolução do luto. Percebe então, claramente, como o tempo é diferente para todos, embora siga em si uma coesão caótica. Do primeiro ano ser o mais difícil, do cotidiano em ambientes antes habitados pelo(a) filho(a), de antecipar o futuro sem ele(a). Assim, vivemos com a morte, até mesmo no realizar do nosso dia a dia, assim “Acreditamos que amanhã sempre haverá tempo. Só por isso nos envolvemos em projetos, acreditando que eles poderão se concretizar e que sempre teremos tempo para isso.” (Rothschild & Calazans, 1992, p. 145).

## **1.2. Subjetividade Ser-mãe e a interposição do luto**

O que é ser mãe? Qual é a característica que podemos dizer, sem dúvida, que conectamos diretamente ao arquétipo da Mãe? Ao olhar o aspecto da existência da mãe, reconhecemos o Eu-tu entre os olhos da maternidade que vira mãe-filho (Freitas & Michel, 2014; Bezerra *et al*, 2021). Compreendemos que a partir da maternidade, as relações de



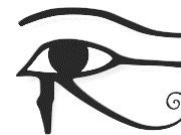
vivência e as articulações das experiências mudam, graças a existência singular do novo objeto de troca na vida do indivíduo, o(a) filho(a), que carrega em si diferente significado para o ser-estar da mãe nesse mundo (Bezerra *et al*, 2021; Campos *et al* 2020; Freitas & Michel, 2015). Observando o mundo da vivência da mãe podemos encontrar variados movimentos de significação, intercorporeidade e intersubjetividade da mãe com o(s) filho(s), que vão de acordo com a organização familiar da casa, necessidades da(s) criança(s), relação paterna, relações familiares externas. Está no comprar de roupas, no alimentar, no brincar, no dar atenção e no zelar (Freitas & Michel, 2015; Bezerra *et al* 2021; Reis *et al*, 2021).

O composto do ser-mãe encontra-se anterior ao nascimento do filho, ao perceber que as próprias expectativas já compõem um corpo reconhecível, passível de sentimentos e trocas subjetivas, de intercorporeidade. As mudanças físicas na mãe e os projetos que essa já se lança, trazem a existência no presente frente ao acontecimento futuro. Lemos e Cunha (2015) expõem sobre a idealização do filho(a) que está por vir e dos sentimentos e falas que surgem de mães ao passar pelas dificuldades da gestação, dos movimentos mais sutis, como acariciar a barriga em forma de troca corporal-transcendental com o filho, e até no se alimentar que toma novo propósito consciente na saúde do bebê a vir.

O luto materno é a realização da impossibilidade, é o movimento contrário a qualquer sentido e lógica antes internalizado pela mãe. A morte de um filho vai contra as expectativas de “naturalidade” da mãe, contra a noção de sua própria mortalidade (Freitas & Michel, 2014). A perda do filho, desestrutura o ser-mãe. Freitas e Michel (2014, p.4) se deparam com esse movimento quando encontram dentre os constituintes essenciais do luto materno: a “perda de um modo de existir”, a “perda do sentido do mundo-da-vida” e a “vontade de morrer”. Na falta da intercorporeidade com o filho, se sente negada de ser mãe, e sendo “mãe” um composto fundamental de sua existência, se sente negada de si mesma (Freitas & Michel 2014, 2015).

Essa impossibilidade é acentuada nos casos de luto materno decorridos da perda gestacional. Uma relação dupla se forma ao ser negada do ser-mãe tanto em luto quanto no nascimento, trazendo uma nova dimensão a forma de se lançar nos conteúdos e projetos da maternidade que antes permeavam suas dificuldades e sentimentos gestacionais (Lemos & Cunha, 2015). Tão forte é o vínculo estabelecido frente às experiências, que nos movimentos de elaboração do luto e ressignificação do Ser é possível ver a continuação e desenvolvimento daquela relação. Feijoo e Noleto (2022, p. 5) se deparam com esse movimento na fala de uma das mães entrevistadas onde a gravidez não foi a termo: “Lembrança que não se apaga; Ela





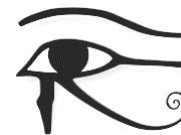
diz: ‘Hoje tenho a lembrança do bebê que nunca vi, mas cada dia que ele passou com a gente, ele fez muito sentido, foi muito amado’.”.

É possível reconhecer no luto materno fatores comuns da experiência entre as mães enlutadas. Freitas e Michel (2014; 2015) relatam sobre a dor, culpa e engajamento em projetos que tivessem relação com o filho, relacionando esses processos ao movimento existencial dessas mães e sua busca por compreender o novo mundo que se encontravam. Já em Bezerra et al (2021), atenta-se para a expressão temporal do luto materno, desde as primeiras semanas e meses sem a presença do(a) filho(a) onde a realidade da falta corporal era mais presente, até o futuro, na antecipação de que a dor nunca iria sumir e na dificuldade de alocar o(a) filho(a) em um tempo verbal de acordo com a fala (Bezerra *et al*, 2021). Reis (2021) reitera a dor, como “uma dor sem comparação” (Reis *et al*, 2021, p.6) que é diferente, mais intensa que a dor de outros lutos vividos pelas mães, e ainda traz a visão paterna e a mudança dialógica na relação da mãe e do pai frente a morte do(a) filho(a).

Segundo Campos et al (2020), o processo do luto materno modifica a relação alimentar da mãe, reconhecendo quatro eixos que permeiam a experiência materna com a alimentação: Ausência de fome e do prazer em se alimentar, o ato de compartilhar refeições versus o luto materno, o confronto com a cadeira vazia e a culinária que simboliza a memória do filho. Entre as falas de mães em Campos et al (2020, p.1054-1055), inúmeras são as menções às dificuldades e lembranças do alimentar-se: “-meu filho morreu, por que eu tenho que comer? [...] Eu achava que era egoísmo da minha parte;”, “prepara-se o alimento, põe na mesa e a pessoa que você ama não está lá [choro]. Eu cheguei a colocar o prato, o copo, os talheres dela [filha falecida];”. Dentro dos relatos em Campos, é possível encontrar proximidade com a experiência da temporalidade de Bezerra et al (2021), com a dor que é incomparável de Reis et al (2021), e com a dificuldade existencial frente a perda do modo-de-ser como em Freitas e Michel (2014; 2015).

### **1.3. Ressignificação e Ressurreição: caminhos e possibilidades psicoterápicas**

Um movimento comum que fazemos ao pensar no tempo futuro em relação ao luto, é buscar uma “superação”. Kovács (1992), Freitas (2013) e Rotschild e Calazans (1992), veem a “superação”, de um enfrentar e esquecer, como conflituosa vide o que se busca com o processo de luto, ainda mais quando a nossa significação da pessoa perdida está tão fortemente conectada ao nosso modo de ser-aí. A perda da intercorporeidade é a perda de uma face da relação e troca que o Eu estabelecia com o Tu, mas de forma alguma é o fim dessa

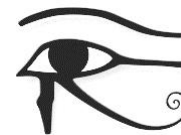


troca. Rothschild e Calazans (1992) já introduzem a construção do futuro ressignificado a partir do passado. "Na perspectiva do sentido, o passado tem significado como o já vivido, que passa a ser acolhido, possibilitando que nos lancemos em projetos. Ao nos lançarmos nesses projetos o passado é ressignificado a serviço deste futuro." (Rothschild & Calazans, 1992, p.146).

Tornar possível a ressignificação da relação eu-tu/mãe-filho mostra-se como passo essencial para o bem-estar mental de mães enlutadas. Freitas e Michel (2014; 2015) percebem a naturalidade desse movimento, descobrindo nas expressões das mães em lidar com o luto, formas de ressignificar a relação com o(a) filho(a). É através de entes queridos ou amigos do(a) filho(a), de realizar sonhos ou ideais que o filho tinha, como fazer festas ou começar projetos sociais, de conversar e lembrar constantemente da filha de forma a trazê-la para o tempo presente, e manter certos rituais familiares da época ante fim da intercorporeidade, de forma a reviver a si e ao filho. Na reconstrução do Ser-mãe, o reviver se torna a realidade do presente para a vivência do futuro. Ressignificar a relação com a intersubjetividade existente ante a perda da corporeidade do filho é a forma de promover a continuidade da relação mãe-filho que comporta parte primaz do bem-estar subjetivo da mãe em luto. É ressurreição, pois permite o retorno do filho ao ser existencial da mãe e a volta da mãe frente a sua vida (Freitas & Michel, 2014; 2015; Michel & Freitas, 2021; Campos, 2020).

Nesse ponto, a psicoterapia se abre para as mães enlutadas, isso se estiver alinhada com o bem-estar do enlutar dessa mãe. Michel e Freitas (2021) analisam o processo psicoterápico de mães em luto, separando-o em três eixos temáticos: Da relação terapeuta-paciente, possibilidades expressivas que emergem da relação psicoterápica e ressignificação. Ter um espaço de escuta, compreensão, respeito e que segue pelo tempo da mãe, se revela como fortalecedor dos seus sentimentos e de sua necessidade de reviver o filho em sua fala. Reis et al (2021) percebem que, nas diferenças do luto entre mães e pais, o ambiente familiar em alguns casos se torna hostil à reconstrução da relação mãe-filho, quando outros parentes ou até mesmo outros filhos, lidam de forma silenciosa ou envergonhada com luto, o que nos remete a Kovács (2005) quando discorre sobre a relação da modernidade com o luto em uma sociedade veladamente culposa.

Por se tratar de uma dor que assola o Ser-mãe, um dos primeiros passos na clínica é a abertura para a escuta que permite a elaboração do novo modo-de-ser. Com um espaço aberto a sua expressão, que permite seu enlutar do modo mais livre necessário, as mães em luto conseguem expor seus pensamentos e falas de modo a não mais sentir os entraves do



luto velado social ou a culpabilidade familiar (Michel & Freitas, 2021; Kovács 2005). É na libertação de chorar que de acordo com Michel e Freitas (2021) aparece na dificuldade inicial de falar. É na liberdade de falar do filho abertamente e como quiser, como apontam Reis *et al* (2021) ao comentar os conflitos familiares e conjugais que surgem das diferenças da forma de viver o luto. Freitas e Michel (2013; 2014) ainda pontuam a importância do escutar e deixar falar para a construção e o surgimento da ressignificação. Uma vez capaz de olhar para si sobre a perspectiva da falta do outro, é que nos identificamos com as novas possibilidades de Ser e descobrimos nossas formas de reviver a si e ao ente querido.

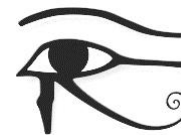
Não é incomum que a escuta seja negada e o processo de ressignificação atacado. Dentre a forma culposa e envergonhada do luto, o movimento comum e necessário da mãe é visto de forma preocupante, inaceitável, contraprodutivo com sua imagem ou supostos deveres. A partir desse conter e repreender, apaga-se a forma de reintegrar e descobrir uma nova intersubjetividade, ou seja, apaga-se o filho. Feijoo e Noleto (2022) se deparam com a angústia gerada pelo apagar do filho, no relato de Marina: “Muitas pessoas me aconselharam a não mexer nas coisas, não ver as fotos. Mas eu queria mantê-lo, sentir seu cheiro. A gente quer ficar sofrendo, um jeito de não esquecer, de manter junto à gente. Parece loucura!” (Feijoo & Noleto, 2022, p. 6).

Já Michel e Freitas (2021) encontram uma falha de escuta de um psicoterapeuta ao atender o caso de Rachel. Ao reduzir o enlutar para um problema a ser resolvido, o profissional rompe com a escuta ativa da livre expressão, a possibilidade de reviver o afeto, a demanda de falar e ser escutada, e, como um todo, a experiência de ressignificação, roubando a chance da paciente de construir para si um sentido:

A experiência de raiva do psicoterapeuta foi relatada por Rachel. A entrevistada procurou terapia cerca de três meses após a morte da filha. Durante a terceira sessão sentiu raiva do terapeuta quando ele lhe recomendou que ela vivesse pelos seus outros filhos:

*Me indicaram um psicólogo, eu fui, ele não conseguiu . . . ele me fez exatamente essa pergunta, eu me lembro como se fosse agora: “Você ainda tem mais filhos?”. Eu falei: “Eu tenho dois”. “Então viva por eles e pelo seu marido”. Nossa, eu queria matar ele! Eu queria arrebentar a cara dele!* Rachel relatou que ao receber esse “conselho” do psicólogo interrompeu a terapia. Ela afirmou que se sentiu ferida e percebeu, por meio dessa fala, que ele não compreendia e que não poderia “tratá-la” (sic) (Michel & Freitas, 2021, p. 6).

Seu conselho entregue de forma desmedida não compreende a desestrutura do luto, muito menos considera a expressão do ser-mãe único estabelecido com cada filho. Reduz a motivação da existência do ser de Rachel a um “dever” para com os filhos que ficam e ainda para o marido, que remete a um olhar não crítico para as determinações de um sistema



patriarcal, ao qual a identidade mulher/mãe se vê presa e servil ao homem/marido e ao cuidar do lar (Michel & Freitas, 2021; Freitas, 2013; Feijoo, 2021).

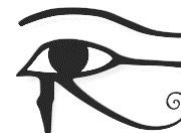
Irredutível, a experiência do luto materno não pode ser compreendida nem mensurada em palavras. Dentro do nosso esforço de sintetizar um conceito concreto, esquecemos da variabilidade da existência e da expressão mais sutil da subjetividade que salta à frente de nossa consciência nos momentos mais dolorosos. Ante o abalo da forma do ser-mãe, precisamos estar abertos e nos permitir que o outro busque por si a construção do seu amanhã. Que não reduzamos a vontade e potência, nem cerceemos a possibilidade de ressignificação e ressurreição de mães, seus filhos e filhas.

Michel e Freitas (2021, p. 10) ainda se deparam, na fala de entrevistadas, com um tema da ressignificação frente ao processo psicoterápico, quando descobrem a “experiência de fortalecimento”. A considerar o luto materno como “a maior dor do mundo” (Freitas & Michel, 2014), que encolhe a mesa alimentar (Campos *et al*, 2020), que distorce o tempo (Bezerra *et al*, 2021), que conflita o ambiente familiar e as relações interpessoais (Reis *et al*, 2021), é claro perceber o tombo estrutural do mundo materno, que enfraquece seu cotidiano e seu próprio Ser. A experiência de fortalecimento se torna um pilar do processo de ressignificação, onde apoiadas pela força as possibilidades se fazem presentes, seja no reviver de seu filho(a) através de comemorações, dedicação de projetos sociais ou pessoais, pequenos ritos como visitar o quarto, guardar os pertences, atenção a si pela saúde, lazer, manutenção de outras relações, ou no desbravar de outros afetos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto materno é complexo e rodeado de perspectivas singulares frente à vivência das mães. Compreender que o luto não é redutível e muito menos passível de comparações entre os enlutados, nos permite abranger e expandir a experiência de forma justa à diversidade de experiências da humanidade. O contexto particular do luto materno é abrangente e difícil, e seu escopo, levemente abarcado na presente pesquisa, urge por mais representação, escuta e discussão. Frente a maior dor do mundo das mães, a psicoterapia se mostra como ferramenta possível para a saúde mental, desde que aliada ao processo de ressignificação e ao bem-estar materno.

Considerando o olhar de uma clínica fenomenológico-existencial, se permitir sair de uma posição de luto linear e ser abertura para o tempo de luto do ser-mãe, é construir na relação terapêutica o espaço de possibilidade para ressignificação. Tempo de luto esse que não se pauta nas determinações da sociedade, na necessidade de um fim. No entanto, se



sustenta pelo recordar, reviver o afeto, sentir a presença do filho quando ele está ausente do dia a dia. Essa saudade é expressão do Ser-aí que é em si tempo, não o tempo observável do relógio, mas o acontecer de quem somos quando lançados no mundo.

Ao abraçar a expressão de mães em seus processos originais e intencionais de relação com os filhos(as) já não mais intercorpóreos, espera-se que as contribuições aqui expostas auxiliem no exercício específico clínico, bem como no total profissional de psicólogos(os), permitindo uma prática terapêutica não redutiva, patológica e restritiva, mas aberta, integral e receptiva com o bem-estar de mães em luto.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Tradução: Maria Inês de Corrêa Nascimento *et al.* Porto Alegre: ARTMED, 2014. Título original: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision**. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2022.

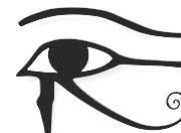
BEZERRA, Maria Augusta Rocha *et al.* O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. **Escola Anna Nery** [online], v. 26, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0264>> Acesso em: 01 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico 37**. Mortalidade infantil no Brasil. Brasília, 2021. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_37\\_v2.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_37_v2.pdf/view)> Acesso em: 02 nov. 2022.

CAMPOS, Maria Teresa Fialho de Sousa *et al.* “A mesa que encolheu”: a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 25, n. 3, p. 1051-1060, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018>> Acesso em: 01 nov. 2022.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **Suicídio & Luto**: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existências. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; NOLETO, Márcia Cristina Massena Fernandes. O Imensurável da Experiência do Luto Materno. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e240345, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003240345>> Acesso em: 16 jan. 2023



FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt** [online]. v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 01 nov. 2022.

FREITAS, Joanneliese de Lucas; MICHEL, Luís Henrique Fuck. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo** [online]. v. 19, n. 2, pp. 273-283, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-737222324010>> Acesso em: 01 nov. 2022.

FREITAS, Joanneliese de Lucas; MICHEL, Luís Henrique Fuck. A vivência do luto materno: Um olhar fenomenológico-existencial. In: FREITAS, J.L; CREMASCO, M.V.F. **Mães em luto: A dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas**. p. 25-44. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. p. 149-164. 3. ed São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 25, n. 3, pp. 484-497, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>> Acesso em: 01 nov 2022.

LEMOS, Luana Freitas Simões; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 4, p. 1120-1138, out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001582014> Acesso em: 23 out 2023.

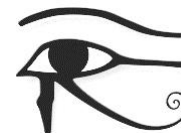
MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 09, pp. 4069-4086, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12122021> Acesso em: 03 nov. 2022.

MICHEL, Luís Henrique Fuck ; FREITAS, Joanneliese de Lucas. Psicoterapia e Luto: A vivência de mães enlutadas. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 41 n.spe 3, 1-15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189422> Acesso em: 02 nov. 2022.

REIS, Cristine Gabrielle da Costa dos *et al.* O Luto de Pais: Considerações Sobre a Perda de um Filho Criança. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2021, v. 41, n. spe3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003196821>> Acesso em: 01 nov. 2022.

ROTHSCHILD, Daniela; CALAZANS, Rauflin Azevedo. Morte: Abordagem Fenomenológico-Existencial. In: KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. p. 142-148. 3. ed São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Child mortality (under 5 years)**. 28 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/levels-and-trends-in-child-under-5-mortality-in->



2020#:~:text=Since%201990%2C%20the%20global%20under,1%20in%2027%20in%202020  
> Acesso em: 02 nov. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. 11<sup>th</sup> ed. Geneva: World Health Organization, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Older adolescent (15 to 19 years) and young adult (20 to 24 years) mortality**. 28 jan. 2022 Disponível em: <[https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/levels-and-trends-in-older-adolescent-\(15-to-19-years\)-and-young-adult-\(20-to-24-years\)-mortality](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/levels-and-trends-in-older-adolescent-(15-to-19-years)-and-young-adult-(20-to-24-years)-mortality)> Acesso em: 02 nov. 2022.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira *et al.* Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1859-1868, jun. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.03612013>> Acesso em: 22 nov. 2023.